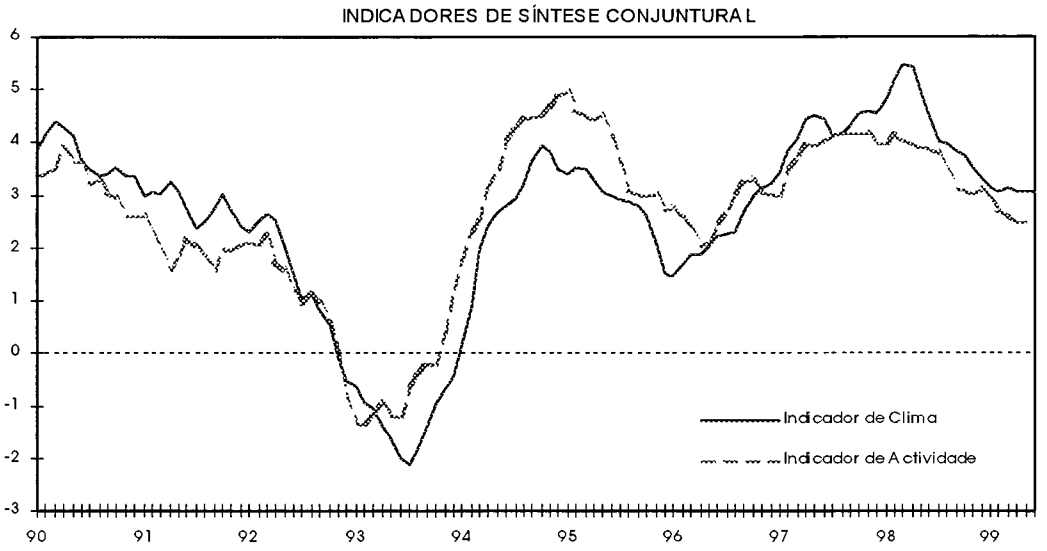
SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Junho de 1999



A economia dos Estados Unidos voltou a crescer muito intensamente durante o 2º trimestre, segundo se depreende da evolução de diversos indicadores, com destaque para a taxa de desemprego, as vendas a retalho e o indicador de confiança dos consumidores. A procura interna continuou a ser decisiva nesta evolução. O ritmo de crescimento na UE manteve-se fraco durante o segundo trimestre, mas denotou sintomas de recuperação, particularmente no sector exportador. No entanto, o crescimento continuou a ser essencialmente assegurado pela procura interna. O desemprego na UE desceu ligeiramente durante a primeira metade do ano e a inflação apresentou um nível bastante baixo até ao final de Junho. Também a conjuntura económica na Ásia tem vindo a reanimar desde o início do ano.

A economia portuguesa manteve um andamento bastante positivo até ao final de Junho. Embora o crescimento homólogo durante a primeira metade do ano tivesse sido inferior ao verificado ao longo do ano passado, o desemprego continuou a baixar e a confiança dos empresários estabilizou num nível bastante favorável. A mesma tendência de estabilidade foi registada pelo indicador de confiança dos consumidores. Alguns sectores evidenciaram durante os últimos meses um clima mais favorável, com destaque para a hotelaria, as obras públicas e, embora com menor intensidade, para a indústria transformadora.

A melhoria do clima na indústria transformadora acompanha a recuperação da procura mundial. Os industriais portugueses mostram-se mais confiantes na evolução das suas exportações, à semelhança do verificado com os seus congéneres da UE. Por sua vez, as taxas de ocupação hoteleira situaram-se durante os primeiros cinco meses do ano abaixo do período homólogo mas, corrigidas dos efeitos sazonais, melhoraram continuamente entre Dezembro e Maio últimos. O valor das adjudicações de obras públicas subiu significativamente durante o primeiro semestre, depois de ter caído fortemente durante o ano passado, justificando a recuperação do clima sectorial. A reanimação da actividade produtiva destes sectores faz prever um crescimento mais intenso do conjunto da economia portuguesa durante o segundo semestre.

O investimento melhorou durante o segundo trimestre, enquanto se assistia a um abrandamento do consumo. O investimento em material de transporte e em obras públicas foi o que mais reanimou, verificando-se um crescimento vivo, mas menos intenso do que em períodos anteriores, na compra de habitação e uma relativa estabilidade na procura interna de máquinas. O crescimento das vendas de automóveis revelou uma significativa desaceleração ao longo do segundo trimestre, embora tivesse permanecido ainda muito forte. Também a generalidade dos indicadores do consumo conheceu durante o segundo trimestre uma evolução um pouco menos intensa do que em trimestres anteriores.

O valor das exportações foi entre Janeiro e Abril inferior ao do período homólogo, mas, corrigido da sazonalidade, revela uma tendência de recuperação desde o início do ano. No caso do comércio extra-comunitário, esta tendência prosseguiu em Maio. As expectativas dos industriais sugerem um reforço desta melhoria ao longo do terceiro trimestre.

A inflação estabilizou em 2,3 por cento em Junho, mantendo uma evolução próxima da sua tendência de fundo.

Catalogação recomendada

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL. Lisboa, 1997-
Síntese económica mensal / ed. Instituto Nacional de Estatística. - Novembro 1997- . - Lisboa : I.N.E., 1997- . - 30 cm
Mensal
ISSN 0873-9374

Director
Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor
Instituto Nacional de Estatística
Av. António José de Almeida
1000 LISBOA
Telefone: (01) 847 00 50
Fax: (01) 847 85 78

Composição
INE - Gabinete de Estudos
Área Económica

Impressão
INE - Secção de Artes Gráficas

Tiragem: 550 exemplares

Depósito legal nº. 117748/97

Preço: 480$00 (IVA incluído)
2.39 €

Para esclarecimentos sobre a informação apresentada contacte:

Gabinete de Estudos - Área Económica

Dr. Francisco José Melro - Ext. 3821

O INE na Internet
http://www.ine.pt

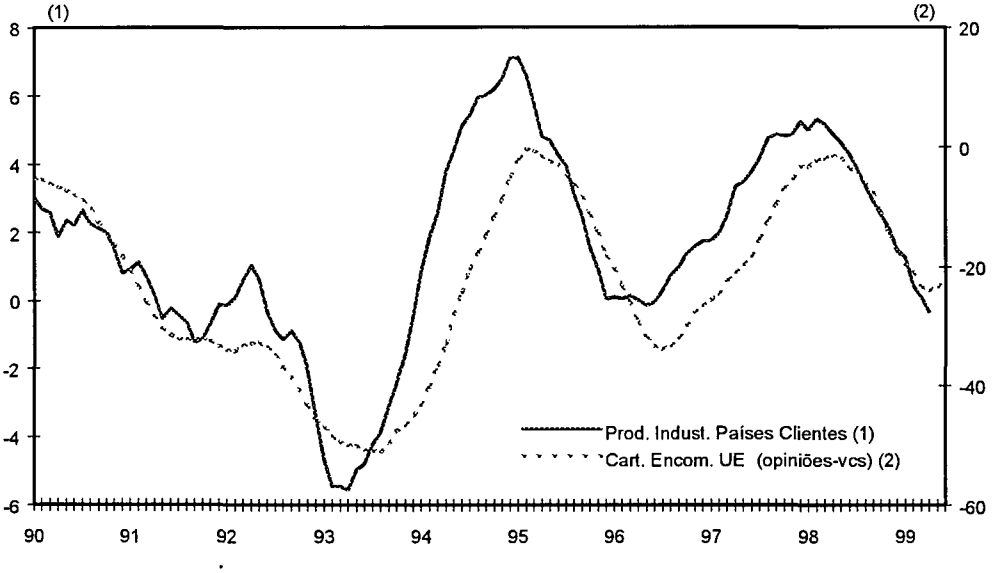
© INE, Lisboa. Portugal, 1999 * Reprodução autorizada, excepto para fins comerciais, com indicação da fonte bibliográfica

SÍNTESE ECONÓMICA MENSAL

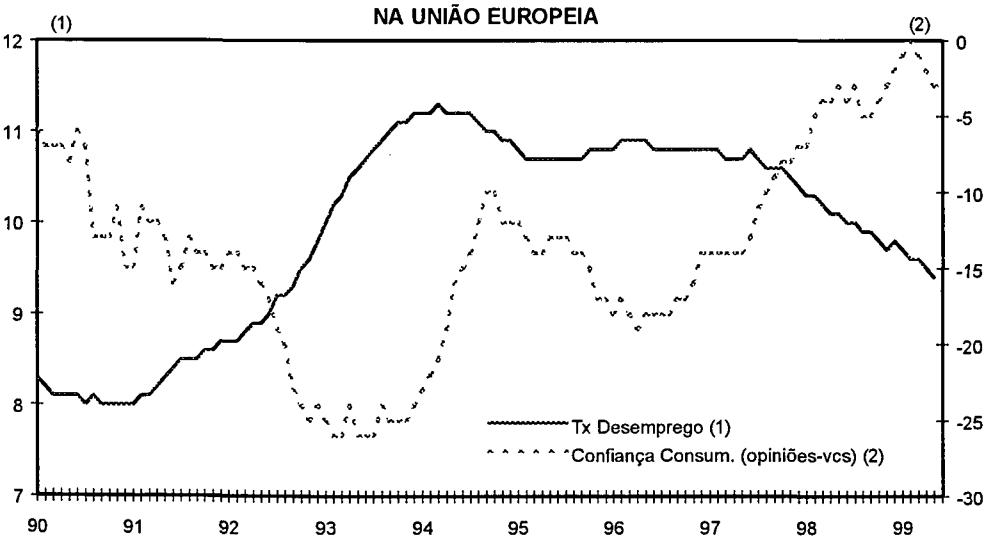
JUNHO DE 1999

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
ENQUADRAMENTO EXTERNO								
PIB dos Países Clientes (tvh-volume)	2.8	2.6	2.2	1.9	-	X	X	X
Produção Industrial dos Países Clientes (índice)	4.3	2.9	1.5	0.1	-	-0.3	-	-
Cart.Encomendas da Indústria na UE (opiniões-vcs)	-3	-8	-18	-23	-22	-23	-21	-21
Indic.Confiança dos Consumid.na UE (opiniões-vcs)	-4	-4	-3	-1	-3	-2	-3	-3
Taxa de Desemprego na UE (valor mensal)	10.1	9.9	9.8	9.6	-	9.5	9.4	-
Preços no Consum.na UE (ind.mensal harmonizado)	1.5	1.3	1.0	1.0	-	1.2	1.1	-
Preços de Produção nos Países Forneced. (índice)	0.0	-0.9	-1.9	-2.0	-	-1.8	-1.7	-
Preços de Matérias-Primas (índice "The Economist")	-21.6	-21.1	-18.3	-16.9	-12.6	-17.1	-15.2	-12.6

CONJUNTURA INDUSTRIAL NO EXTERIOR



DESEMPREGO E CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES NA UNIÃO EUROPEIA



ENQUADRAMENTO EXTERNO

O crescimento económico da UE deverá reanimar durante o segundo semestre do corrente ano, acompanhando a recuperação da procura mundial. A economia da UE registou um fraco andamento durante a primeira metade do ano, enquanto a dos EUA manteve um crescimento muito intenso.

O crescimento homólogo do PIB dos países clientes de Portugal desceu para 1,9 por cento durante o primeiro trimestre de 1999. Esta desaceleração foi essencialmente resultante do comportamento da economia da UE cujo crescimento homólogo baixou para 1,6 por cento. O crescimento do PIB da UE manteve-se ainda fraco durante o segundo trimestre, em contraste com o dos Estados Unidos, onde se situou em 4 por cento durante o primeiro trimestre e continuou muito forte até ao final de Junho.

O sector industrial foi o principal responsável pelo abrandamento económico da UE ao longo do primeiro trimestre. O seu índice de produção caiu continuamente até ao final de Fevereiro, registando uma ligeira melhoria nos dois meses seguintes. Apesar desta inversão, o seu nível durante o trimestre terminado em Abril foi ainda inferior em 0,3 por cento ao do período homólogo. As opiniões empresariais acerca da evolução da procura e da produção revelam que o nível da produção industrial da UE continuou a recuperar até ao final de Junho e que esta tendência se irá fortalecer durante o terceiro trimestre.

A reanimação da actividade industrial na UE coincide com uma melhoria da conjuntura mundial, nomeadamente na Ásia, e beneficia da queda significativa do Euro face ao dólar. De resto, constata-se, desde o início do ano, uma melhoria do nível das exportações na generalidade dos países europeus que terá prosseguido até ao final Junho, tendo por referência as apreciações dos industriais acerca do nível da sua carteira externa. Mesmo em termos de comparação homóloga, as exportações da UE apresentaram já uma estagnação durante o trimestre terminado em Abril, quando tinham registado descidas continuamente acentuadas até ao final de Fevereiro.

No entanto, a recente inversão da conjuntura industrial será insuficiente para impedir a desaceleração do crescimento do investimento industrial na UE ao longo do corrente ano. De acordo com o inquérito realizado pela UE em Abril, o volume de investimento na indústria transformadora deverá aumentar 4 por cento, contra uma subida de 7 por cento em 1998.

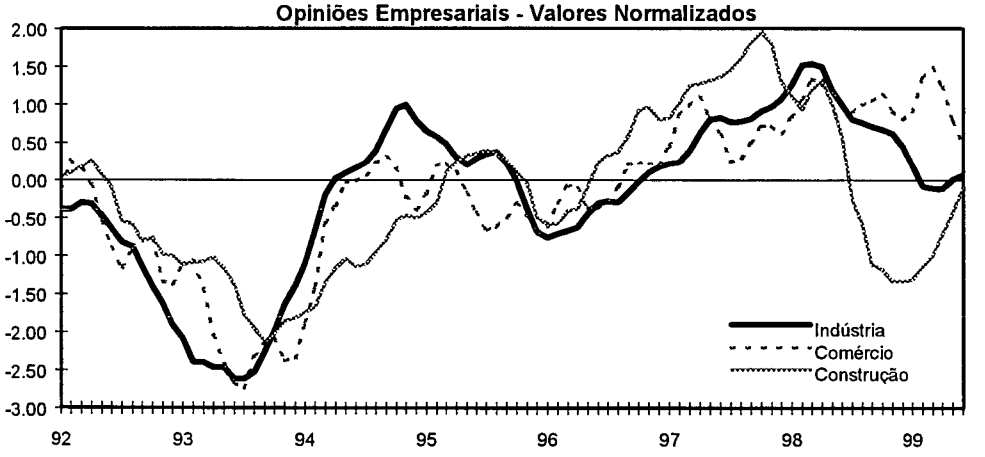
A evolução do indicador de confiança dos consumidores revela que a procura interna de bens de consumo manteve um andamento positivo na UE até ao final de Junho. De facto, durante o segundo trimestre, este indicador registou um nível favorável, embora ligeiramente inferior ao do trimestre anterior. O consumo privado permanece também como um dos motores do crescimento nos Estados Unidos, como se deduz do elevado nível da confiança dos consumidores e da subida homóloga de 8 por cento das vendas do comércio a retalho no segundo trimestre. O dinamismo da procura interna permitiu que a taxa de desemprego descesse em Maio para 9,4 por cento na UE e que em Junho fosse de apenas 4,3 por cento nos EUA.

O baixo nível da inflação cria boas condições para a recuperação económica na UE. Na verdade, a percentagem de variação homóloga do índice de preços harmonizado da UE situou-se em 1,1 por cento em Maio e deverá ter apresentado um valor semelhante em Junho. Por sua vez, a variação homóloga do índice de preços no consumidor nos EUA foi de 2 por cento em Junho. Os preços de produção e os preços em dólares das matérias-primas mantêm-se em queda, face ao período homólogo, nos mercados internacionais, embora a subida do preço do petróleo, a recuperação da procura mundial e a queda do Euro face ao dólar façam prever uma inversão no comportamento dos preços de produção na indústria ao longo dos próximos meses.

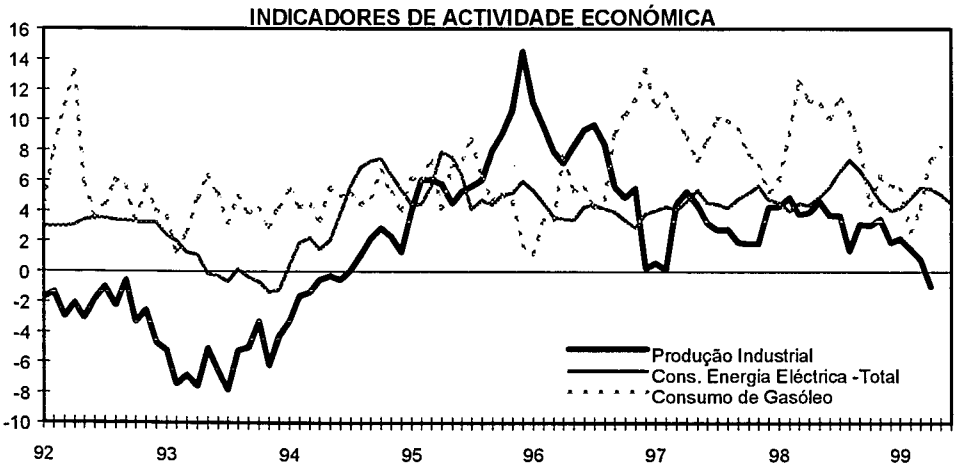
	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA								
Indicador de Clima Económico	4.5	3.8	3.3	3.1	3.1	3.1	3.1	3.1
Indicador da Actividade Económica	3.9	3.1	3.1	2.6	-	2.5	2.5	-
Produção da Indústria Transformadora (índice)	3.5	3.3	1.9	0.8	-	-1.0	-	-
Volume de Negócios da Indústria Transf. (índice)	6.9	5.4	1.8	-1.3	-	-1.1	-	-
Proc.Interna Bens Intermédios (opiniões-ve-mm3m)	-6	-11	-15	-18	-15	-15	-15	-15
Volume de Negócios no C.Retalho (índice)	13.1	9.5	10.7	7.9	-	-	-	-
Indicador de Clima na Indústria (opiniões-v.normal.)	1.00	0.71	0.44	-0.11	0.07	-0.12	0.00	0.07
Indicador de Clima na Construção(opiniões-v.norm.)	0.57	-1.12	-1.34	-0.99	-0.09	-0.72	-0.43	-0.09
Indicador de Clima no Comércio (opiniões-v.normal.)	1.00	1.05	0.80	1.48	0.46	1.24	0.77	0.46
Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto (vcs-mm3m)	59.9	61.3	55.3	58.4	-	58.6	59.3	-
CONSUMOS ENERGÉTICOS								
Energia Eléctrica - Total	5.6	6.7	4.0	5.6	4.5	5.5	5.1	4.5
Consumo de Gasóleo	10.1	8.1	5.7	4.2	-	7.4	8.2	-
Consumo de Fuel na Indústria Transformadora	1.6	4.6	-2.7	-4.6	-	-4.2	-2.9	-

INDICADORES DE CLIMA ECONÓMICO

Opiniões Empresariais - Valores Normalizados



INDICADORES DE ACTIVIDADE ECONÓMICA



ACTIVIDADE ECONÓMICA

O crescimento homólogo da actividade económica enfraqueceu um pouco durante o primeiro semestre mas o conjunto das expectativas empresariais sugere que a economia portuguesa apresentará uma evolução homóloga mais positiva durante a segunda metade do ano.

O indicador de actividade económica conheceu uma subida homóloga de 2,5 por cento durante o trimestre terminado em Maio, contra 2,6 por cento durante o primeiro trimestre. Estas evoluções são ligeiramente inferiores às anteriormente estimadas, sendo esta revisão em baixa originada pelas recentes revisões de algumas estatísticas conjunturais. A evolução do indicador de actividade até ao final de Maio sugere que o crescimento homólogo da economia portuguesa terá sido durante a primeira metade do ano um pouco mais fraco do que no último trimestre do ano passado, período em este indicador cresceu 3,1 por cento.

No entanto, a comparação homóloga pode estar a subestimar a actual tendência da economia, devido ao facto do primeiro semestre de 1998 ter coincidido com um período de forte crescimento económico. Na realidade, foi então que tanto o indicador de actividade como o de clima apresentaram as suas subidas mais intensas, motivadas pela realização da Expo.

Por sua vez, o indicador de clima económico registou um crescimento de 3,1 por cento na primeira metade do ano, o que constitui também uma evolução ligeiramente inferior à do último trimestre de 1998.

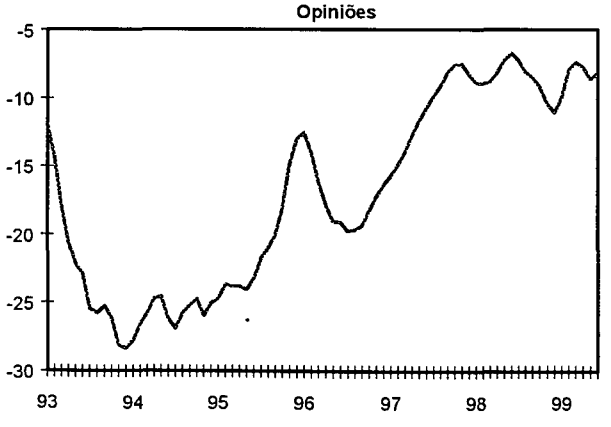
O crescimento homólogo da economia portuguesa deverá melhorar um pouco durante o segundo semestre, não só por o período de comparação de 1998 ser já menos marcado pelos efeitos directos e indirectos da realização da Expo, mas também porque se tem vindo a assistir a uma melhoria da conjuntura em alguns sectores. Estão neste caso a indústria transformadora, a hotelaria e as obras públicas. A melhoria da actividade nestes sectores estará a contribuir para a evolução muito forte dos consumos de energia eléctrica e de combustíveis e para a descida contínua do nível do desemprego.

A melhoria da conjuntura na indústria transformadora está a beneficiar da recuperação da procura mundial e da queda do Euro, como revelam o nível das exportações corrigido da sazonalidade e as apreciações dos industriais quanto ao nível da carteira externa. Por sua vez, as taxas de ocupação hoteleira, corrigidas da sazonalidade, apresentaram uma acentuada melhoria até ao final de Maio, apesar de permanecerem inferiores às do período homólogo. Este sector poderá ter beneficiado de um desvio da procura turística mundial, resultante do conflito nos Balcãs. No que diz respeito ao sector das obras públicas, a evolução do valor das adjudicações deste tipo de obras sugere que se terá iniciado um novo ciclo de investimentos em infra-estruturas que poderá permitir um bom andamento da sua actividade ao longo dos próximos meses. Esta ideia é confirmada pela melhoria do clima empresarial durante os últimos meses.

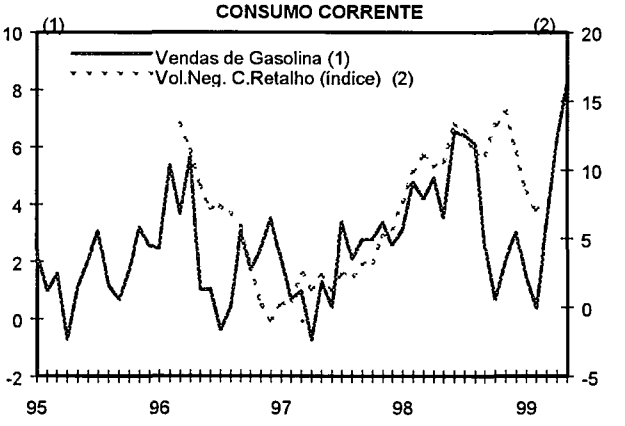
A actividade na indústria transformadora apresentou ainda uma evolução homóloga negativa durante o trimestre terminado em Abril, traduzida em descidas de 1 por cento do seu índice de produção e de 1,1 por cento do seu índice de volume de negócios. As apreciações empresariais referenciaram uma evolução um pouco menos desfavorável durante o conjunto do segundo trimestre e apontam para a melhoria desta tendência ao longo do terceiro trimestre. Por sua vez, a actividade no comércio manteve um andamento muito positivo durante o segundo trimestre, embora um pouco menos forte que no trimestre anterior, e as expectativas empresariais apontam para a consolidação desta tendência durante os próximos meses. Refira-se que tanto as vendas dos supermercados e dos hipermercados como de veículos evoluíram muito positivamente durante este período.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
CONSUMO PÚBLICO	7.9	5.7	9.2	9.3	-	11.3	10.0	-
Despesas com Pessoal	8.3	7.3	9.7	9.5	-	10.6	8.8	-
Despesas com Bens e Serviços	3.8	-6.5	7.1	7.4	-	18.7	22.8	-
SITUAÇÃO FINANCEIRA DAS FAMÍLIAS								
Inquérito aos Consumidores (Opiniões-ve-mm3m)	-6	-5	-6	-4	-6	-5	-6	-6
CONSUMO PRIVADO								
Indic. de Confiança dos Consumidores (opiniões)	-7	-8	-11	-7	-8	-8	-9	-8
Crédito ao Consumo (tvh-Euros)	18.0	18.9	23.0	18.3	-	X	X	X
Operações da Rede Multibanco	22.6	21.7	22.1	19.6	-	18.9	19.3	-
Proc.Interna B.Consumo Indust.(opiniões-ve-mm3m)	-9	-9	-9	-10	-17	-13	-16	-17
CONSUMO CORRENTE								
Vendas no Com.Retalho B.Cons.Corr. (opiniões)	2	6	6	12	0	3	1	0
Vol.Negócios no C.Retalho B.Cons.Corr.(índice)	13.4	11.0	11.3	7.7	-	-	-	-
Vendas de Super e Hipermercados	13.3	9.8	7.8	8.5	-	7.6	6.8	-
Vendas de Gasolina	6.5	2.6	3.0	3.4	-	6.2	8.2	-
Dormidas na Hotelaria	9.5	8.9	5.9	8.1	-	-	-	-
CONSUMO DE BENS DURADOUROS								
Vendas no Com.Retalho B.Durad. (opiniões)	4	-16	-20	17	19	33	31	19
Vol.Negócios no C.Retalho B.Dur.(índice s/Autom.)	14.6	7.4	10.1	6.9	-	-	-	-
Vendas de Automóveis e Veíc. Todo-o-Terreno	21.3	23.3	22.5	35.1	16.2	29.3	19.7	16.2
Matrículas de Automóv. e Veíc. Todo-o-Terreno	11.0	11.7	24.5	23.3	16.1	30.1	14.5	16.1
Vol. de Negócios da Indúst. Mobiliário (índice)	8.7	1.9	-8.2	4.9	-	3.2	-	-

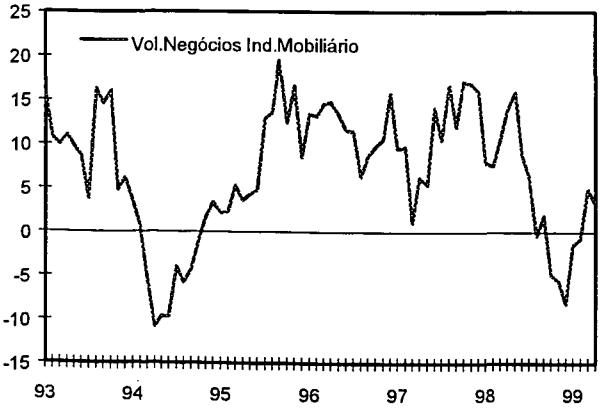
INDICADOR DE CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES



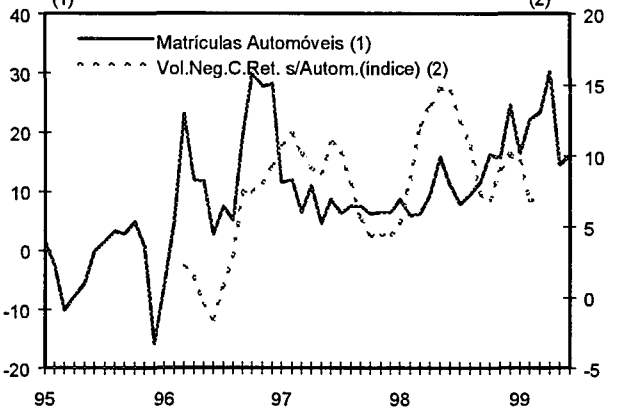
PROCURA INTERNA DE BENS DE CONSUMO CORRENTE



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



PROCURA INTERNA DE BENS CONSUMO DURADOUROS



CONSUMO FINAL

O indicador de confiança dos consumidores apresentou no segundo trimestre um nível ligeiramente inferior ao do trimestre anterior, o mesmo sucedendo com as apreciações das famílias acerca da sua situação financeira. Apesar de ter mantido uma evolução intensa, o consumo deverá ter desacelerado durante o segundo trimestre.

O indicador de confiança dos consumidores apresentou durante o segundo trimestre um nível bastante favorável e muito próximo do apurado no trimestre anterior. O mesmo comportamento foi revelado pelas apreciações das famílias acerca da sua situação financeira. A ideia predominante no conjunto da informação é a de que o consumo mantém um andamento bastante forte, mas que o seu ritmo de crescimento está a abrandar. Aliás o mesmo deverá estar a suceder com o conjunto da despesa das famílias, dado que o ritmo de crescimento da compra de habitações tem também desacelerado. Este abrandamento estará a ser sentido pela indústria, uma vez que o saldo das apreciações dos industriais produtores de bens de consumo sobre a evolução da procura interna recuou significativamente durante o segundo trimestre. O crescimento das importações de bens de consumo, excluindo automóveis, já se tinha revelado mais moderado durante o primeiro trimestre.

O abrandamento do ritmo de crescimento foi observado na procura de bens de consumo corrente e na de bens duradouros, sendo mais significativo nas vendas de automóveis. Apenas alguns indicadores do consumo corrente contrariam esta conclusão.

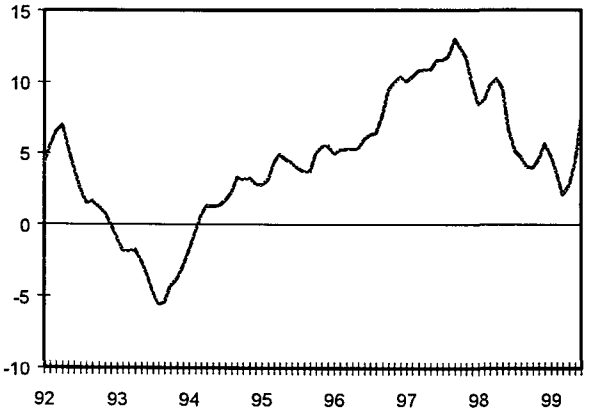
O menor dinamismo da procura de bens de consumo corrente é visível nas opiniões dos empresários do comércio a retalho de bens alimentares, vestuário e calçado acerca do seu volume de vendas, dado que apresentaram durante o segundo trimestre um saldo bastante menos favorável que no trimestre anterior. O crescimento do índice de volume de negócios no comércio a retalho deste tipo de bens já registara um abrandamento no trimestre anterior, conhecendo uma variação homóloga de 7,7 por cento, contra 11,3 por cento no último trimestre do ano passado. Também o crescimento das vendas dos supermercados e hipermercados enfraqueceu, descendo para 6,8 por cento durante o trimestre terminado em Maio. No entanto, as vendas de gasolina e as dormidas na hotelaria têm revelado ao longo de 1999 um andamento mais forte do que no final do ano passado. Assim, as primeiras registaram uma variação homóloga de 8,2 por cento ao longo do trimestre terminado em Maio, enquanto as dormidas na hotelaria cresciam 8,1 por cento durante o primeiro trimestre. A tendência de recuperação das dormidas deverá ter-se prolongado até ao final de Maio, tendo em conta a evolução muito positiva da taxa de ocupação hoteleira ao longo deste período.

A procura de bens duradouros conheceu um abrandamento mais significativo, sobretudo na componente automóvel. De facto, o índice de volume de negócios no comércio a retalho de bens de consumo duradouro (excluindo automóveis) registou uma variação homóloga de 6,9 por cento durante o primeiro trimestre do corrente ano, contra uma subida de 10,1 por cento no último trimestre de 1998. Este menor dinamismo ter-se-á mantido durante o segundo trimestre, de acordo com o perfil de evolução das opiniões dos empresários do comércio retalho deste tipo de bens acerca da evolução do seu volume de vendas.

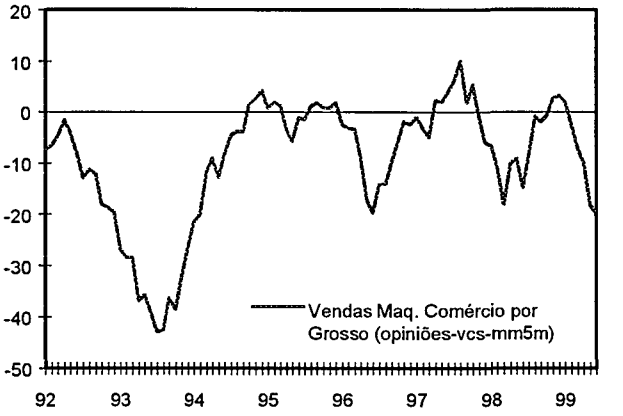
Por sua vez, as vendas de automóveis e de veículos todo-o-terreno novos conheceram uma subida homóloga de 16,2 por cento ao longo do segundo trimestre, quando tinham crescido 35,1 por cento no trimestre anterior. O mesmo perfil descendente foi revelado pelo crescimento homólogo do número das licenças deste tipo de veículos, novos e usados importados, que se situou em 16,1 por cento durante o segundo trimestre, depois de ter sido de 23,3 por cento nos primeiros três meses do ano.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
INVESTIMENTO								
Indicador Coincidente de FBCF	6.6	4.1	5.6	2.1	7.3	2.8	4.4	7.3
Crédito ao Investimento Empresarial (tvh-Euros)	25.8	12.3	19.0	20.7	-	X	X	X
CONSTRUÇÃO								
Vendas de Cimento	-0.2	0.2	9.9	-0.6	4.8	2.6	3.0	4.8
Vendas de Varão para Betão	-14.6	-5.3	18.5	17.8	0.5	9.6	9.7	0.5
Prod.Indust.de Barro p/Construção (índice-tvh)	-0.7	3.0	13.3	12.1	-	X	X	X
Carteira de Encomendas (opiniões-ve)	-16	-28	-35	-34	-31	-35	-29	-30
Adjudic.Obras Públicas (valor-tv ano termin.em)	-0.1	-6.1	-49.7	-42.6	-32.0	-40.1	-39.6	-32.0
Crédito para Compra de Habitação (valor-tvh)	53.7	59.3	40.0	-	-	X	X	X
Licenças p/ Construção de Habit. Novas	8.5	9.8	16.2	13.4	-	11.8	10.4	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS								
Vendas no Comércio por Grosso (opiniões)	-10	10	-1	-14	-16	-24	-27	-16
MATERIAL DE TRANSPORTE								
Vendas de Veículos Comerciais Ligeiros	2.4	6.9	21.3	-0.7	12.0	0.6	8.3	12.0
Matrículas de Veíc. Comerciais Pesados Novos	10.7	-6.8	19.3	7.8	34.1	17.4	14.3	34.1

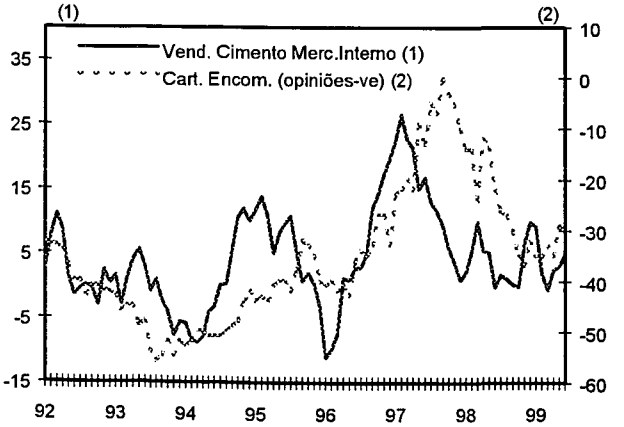
INDICADOR COINCIDENTE DO INVESTIMENTO



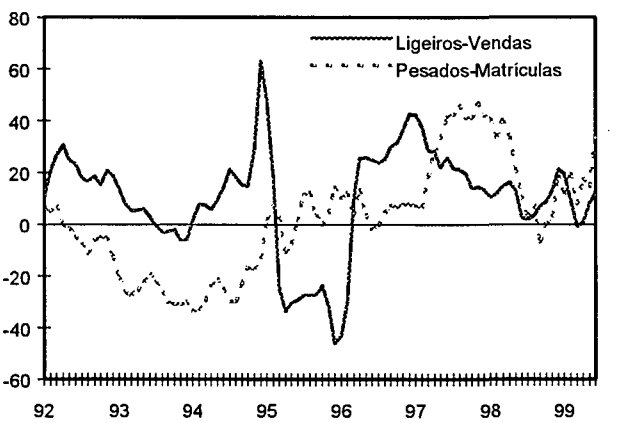
PROCURA DE MÁQUINAS



INVESTIMENTO EM CONSTRUÇÃO



PROCURA DE VEÍCULOS COMERCIAIS



INVESTIMENTO

O investimento reanimou ao longo do segundo trimestre. Esta tendência foi bastante acentuada nas vendas de veículos comerciais e nas obras públicas, tendo o investimento em habitação e em máquinas registado um andamento próximo do verificado no trimestre anterior.

O indicador coincidente do investimento conheceu um crescimento homólogo de 7,3 por cento ao longo do segundo trimestre, o que constitui o seu andamento trimestral mais vivo desde o final do primeiro trimestre do ano passado. A análise da informação disponível revela que o investimento em veículos comerciais e em obras públicas reanimou significativamente e que o investimento em habitação, em máquinas e equipamentos mantém um forte ritmo de crescimento, embora um pouco menos intenso que no trimestre anterior.

De facto, as vendas de veículos comerciais ligeiros registaram uma variação homóloga de 12 por cento ao longo do segundo trimestre, em claro contraste com o andamento desfavorável do trimestre anterior, enquanto as matrículas de veículos comerciais pesados novos tiveram uma subida homóloga de 34,1 por cento, o que representa o crescimento trimestral mais forte deste indicador desde o final do primeiro trimestre do ano passado.

Também o investimento global em construção continuou a recuperar. Este comportamento mais favorável é visível tanto na evolução das vendas de materiais de construção como nas opiniões dos empresários do sector. Por um lado, as vendas de cimento conheceram um crescimento homólogo de 4,8 por cento durante o segundo trimestre, quando tinham diminuído ligeiramente no trimestre precedente. Por outro lado, o indicador de clima do sector da construção recuperou continuamente até ao final de Junho, reflectindo apreciações mais favoráveis dos empresários em relação à sua carteira de encomendas e ao andamento da sua actividade. A melhoria da actividade na construção resulta da conjugação da manutenção de um forte crescimento do investimento das famílias em construção com a recuperação significativa do investimento em obras públicas.

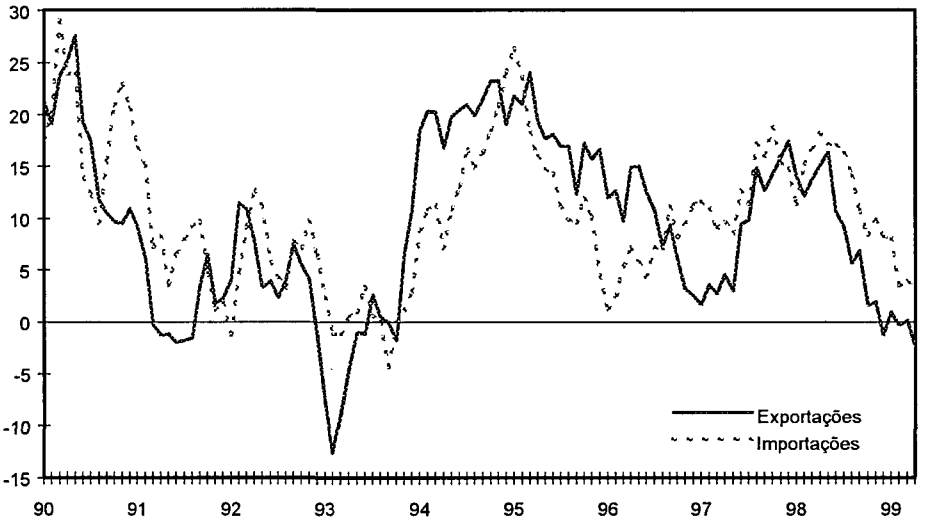
Na verdade, o valor e o número das adjudicações registaram durante o segundo trimestre subidas homólogas, de, respectivamente, 40 por cento e 56 por cento. Também os concursos abertos apresentaram um forte crescimento neste período, tendo o seu valor conhecido um crescimento homólogo de 140 por cento, após um aumento de 45 por cento no trimestre anterior. Estas evoluções contrastam com a descida de cerca de 50 por cento verificada no valor das adjudicações no conjunto do ano passado.

Por sua vez, a procura de habitações continuou muito forte durante o segundo trimestre, embora as apreciações empresariais acerca das vendas de fogos tivessem apresentado um saldo menos favorável que no trimestre anterior. Refira-se que, de acordo com as estatísticas do Banco de Portugal, o crédito concedido para a compra de habitação registou no final de Março uma subida homóloga de 36,5 por cento. Este dinamismo da procura fez com que o número de novos fogos concluídos tivesse uma subida homóloga de cerca de 20 por cento no primeiro trimestre de 1999 - o que constitui uma evolução semelhante à do trimestre anterior - e que o número de novos fogos licenciados registasse um aumento homólogo de 13,7 por cento durante o trimestre terminado em Maio.

No que diz respeito às vendas de máquinas e equipamentos, ter-se-á verificado durante o segundo trimestre uma evolução muito próxima da apurada no trimestre anterior, tendo em conta as opiniões dos empresários do comércio por grosso. Recorde-se que as importações de equipamentos, excluindo material de transporte, subiram cerca de 11 por cento durante o primeiro trimestre.

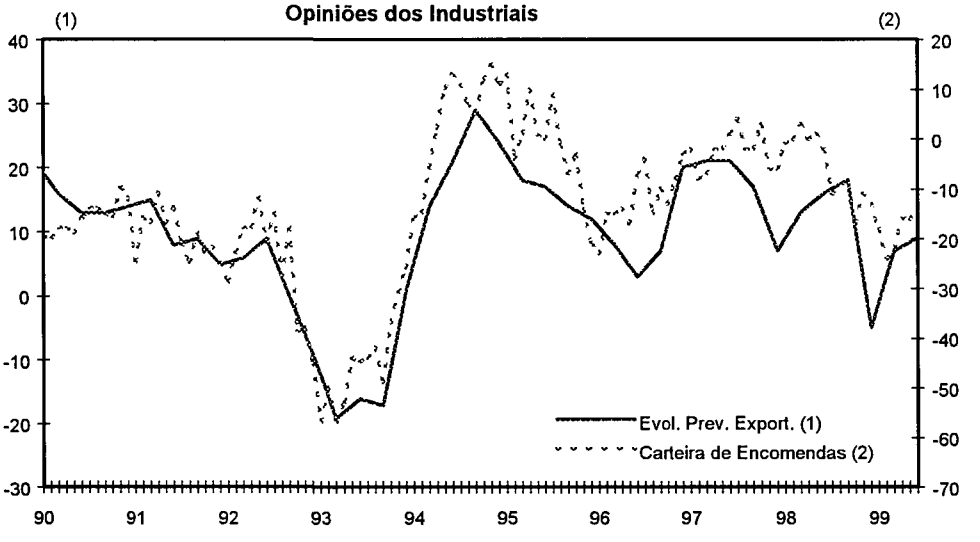
	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
PROCURA EXTERNA								
Indicador de Procura Externa em valor (Euros)	8.5	5.1	0.7	-0.7	-	0.2	-	-
Exportações de Mercadorias em valor (Esc.)	10.7	6.8	-1.3	0.1	-	-2.4	-	-
Intra-União Europeia	13.1	9.2	2.0	2.8	-	-1.8	-	-
Extra-União Europeia	0.7	-2.3	-14.3	-17.8	-	-16.1	-10.6	-
Exportações de Mercadorias em volume (tvh)	8.8	9.5	-	-	-	X	X	X
Carteira de Encomendas Externa (opiniões-ve)	0	-10	-14	-21	-15	-16	-16	-14
Evol.Prevista das Export.(opiniões-vcs-valor trim.)	16	18	-5	7	9	X	X	X
IMPORTAÇÕES								
Importações de Mercadorias em valor (Esc.)	17.0	10.8	8.2	3.9	-	3.0	-	-
Importações de Mercadorias em volume (tvh)	17.2	15.7	-	-	-	X	X	X
TAXA DE COBERTURA (vcs-mm3m)	65.7	63.7	63.3	64.1	-	63.3	-	-

EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL



PROCURA EXTERNA

Opiniões dos Industriais



PROCURA EXTERNA

As importações continuam a crescer mais do que as exportações, provocando um agravamento do défice comercial. A procura externa recuperou desde o início do ano, mas o nível das exportações entre Janeiro e Abril foi ainda inferior ao do período homólogo. As exportações deverão melhorar mais significativamente durante o segundo semestre.

O valor em escudos das exportações registou entre Janeiro e Abril uma descida homóloga de 1,4 por cento, enquanto o das importações aumentava 3,1 por cento. Como saldo, o défice comercial agravou-se 12,8 por cento e a taxa de cobertura das importações pelas exportações situou-se 3 pontos percentuais abaixo do período homólogo. O valor das exportações registou uma descida homóloga de 2,4 por cento ao longo do trimestre terminado em Abril, uma evolução mais negativa do que a dos meses anteriores.

No entanto, o nível das exportações, corrigido da sazonalidade, tem vindo a recuperar desde o início do ano, acompanhando idêntica tendência da procura nos mercados internacionais. Esta tendência tem sido verificada nas vendas tanto para os mercados extra-comunitários como para os restantes mercados. O nível corrigido da sazonalidade das exportações sofrera uma importante descida entre Junho e Dezembro do ano passado. As evoluções homólogas negativas apuradas entre Janeiro e Abril resultam do facto das exportações terem conhecido uma subida muito intensa durante o mesmo período do ano passado, de cerca de 15 por cento em termos de variação homóloga, pelo que a recuperação dos últimos meses ainda não é realçada pela comparação homóloga. Como os industriais referenciaram uma melhoria na sua carteira externa até ao final de Junho, é provável que o mesmo tenha continuado a verificar-se com o nível das exportações corrigido da sazonalidade.

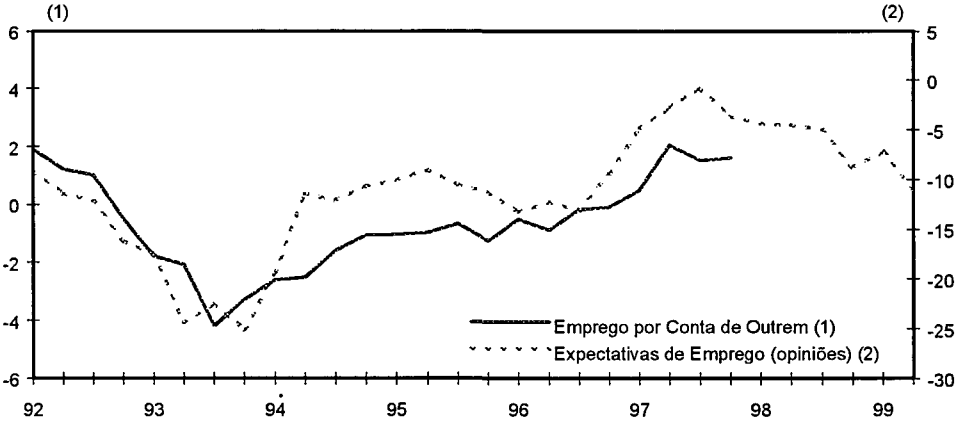
Em termos de comparação homóloga, as exportações aumentaram durante os quatro primeiros meses 2,3 por cento para a UE e caíram muito fortemente, até ao final de Maio, nos mercados extra-comunitários. As vendas de mercadorias nacionais evoluíram positivamente na Alemanha, na Espanha e na Bélgica mas caíram significativamente nos restantes mercados comunitários e extra-comunitários. Em termos sectoriais, registaram-se fortes descidas nas exportações de produtos alimentares não transformados, nos produtos químicos, no papel, nos têxteis e no vestuário, enquanto as exportações de automóveis e metais apresentavam subidas positivas moderadas e as de máquinas subiam intensamente.

Apesar das importações terem crescido mais do que as exportações, o seu ritmo de crescimento homólogo trimestral abrandou também significativamente até Abril, baixando então para 3 por cento. Esse abrandamento foi principalmente originado pela descida do valor importado de combustíveis e de produtos intermédios, que em termos homólogos se situou em 7,7 por cento durante os primeiros quatro meses do ano. Excluindo estes produtos, as restantes importações aumentaram 11,1 por cento no mesmo período. Esta subida evidencia o dinamismo mantido pela procura interna desde o início do ano. As importações de material de transporte foram as que mais subiram, enquanto se registava uma desaceleração dos crescimentos homólogos nas importações dos restantes bens de equipamento e dos bens de consumo.

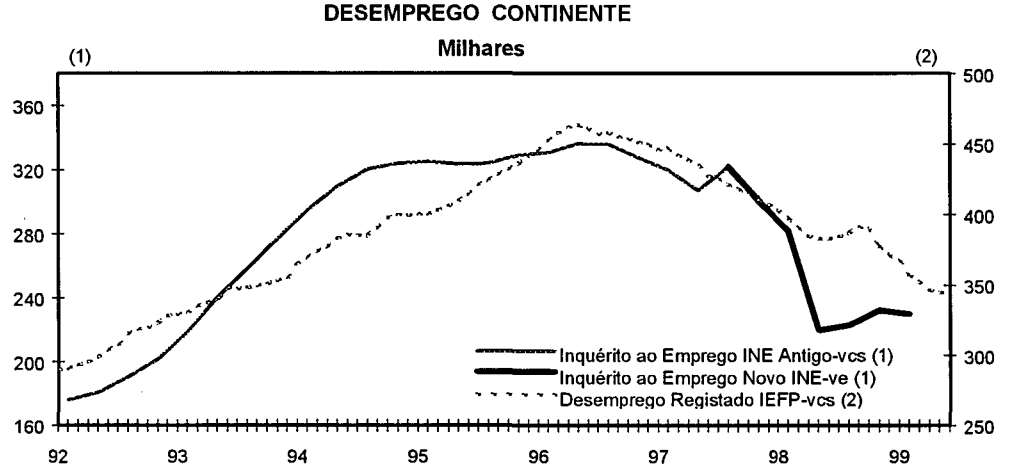
No entanto, é de salientar que também o valor corrigido da sazonalidade das importações tem vindo a recuperar, depois de ter caído entre Outubro e Fevereiro últimos.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
EMPREGO E DESEMPREGO								
EMPREGO - INE (País)								
Emprego Total (tvh)	-	2.7	2.2	2.3	-	X	X	X
Emprego na Indústria Transformadora (tvh)	-	-0.6	-3.1	-0.6	-	X	X	X
Emprego na Construção (tvh)	-	6.3	10.5	8.4	-	X	X	X
Emprego nos Serviços (tvh)	-	4.4	5.1	4.4	-	X	X	X
Emprego por Conta de Outrem (tvh)	-	3.4	3.5	4.1	-	X	X	X
EMPREGO - EXPECTATIVAS								
Indicador (Opiniões-ve)	-5	-5	-9	-7	-11	X	X	X
DESEMPREGO - INE (País - ve)								
Total (milhares)	227.9	232.4	239.6	237.9	-	X	X	X
Taxa de Desemprego (valor trimestral)	4.6	4.7	4.8	4.7	-	X	X	X
DESEMPREGO - IEFP (País - vcs - milhares)								
Desempregados Inscritos no Fim do Mês	395.3	405.9	385.8	364.4	355.6	357.7	355.6	355.6
Desempreg. Inscritos ao Longo do Mês (mm3m)	33.7	34.0	34.5	34.5	33.8	34.2	34.8	33.8
DESEMPREGO - EXPECTATIVAS								
Inquérito aos Consumidores(Opiniões-ve-mm3m)	21	19	24	19	13	16	15	13
SALÁRIOS - Total (mm3m)	3.3	3.3	3.1	3.2	3.6	3.8	3.6	3.6

EMPREGO POR CONTA DE OUTREM



DESEMPREGO CONTINENTE



EMPREGO E SALÁRIOS

O desemprego diminuiu durante o segundo trimestre, enquanto a evolução dos salários contratados conhecia uma ligeira aceleração. As actuais expectativas quanto ao crescimento económico fazem prever novas descidas do desemprego ao longo dos próximos meses.

O número total de desempregados inscritos nos centros de emprego registou no final de Junho uma descida homóloga de 10 por cento. Tendo por referência valores corrigidos da sazonalidade, verifica-se que o nível do desemprego desceu continuamente até ao final de Maio, estabilizando depois durante o mês de Junho. Entre os finais de Março e de Junho últimos, o desemprego corrigido da sazonalidade diminuiu 2,4 por cento, o que corresponde a uma descia anualizada de 9,3 por cento. É provável que a taxa de desemprego tenha também diminuído durante este período. Refira-se que, no total do País, a taxa de desemprego, não corrigida da sazonalidade se situou em 4,7 por cento durante o primeiro trimestre de 1999.

Tendo em conta a prevista recuperação da actividade económica ao longo do segundo semestre, é provável que o desemprego possa vir a descer um pouco mais ao longo deste período. As expectativas das famílias vão no mesmo sentido, tendo o saldo das suas opiniões quanto ao andamento futuro do desemprego atingido durante o segundo trimestre do corrente ano o seu valor trimestral mais baixo desde o final de 1991.

A descida do desemprego beneficiou de um forte dinamismo do mercado de emprego, tendo as novas ofertas de emprego conhecido uma subida homóloga de 12,2 por cento ao longo do segundo trimestre. Este dinamismo foi suficiente para compensar as novas inscrições de desempregados que apresentaram neste período um nível elevado e muito próximo do verificado no período homólogo.

As inscrições de desempregados, corrigidas da sazonalidade, revelaram uma ligeira diminuição do primeiro para o segundo trimestre, passando de uma média mensal de 34,5 mil para um média mensal de 33,8 mil.

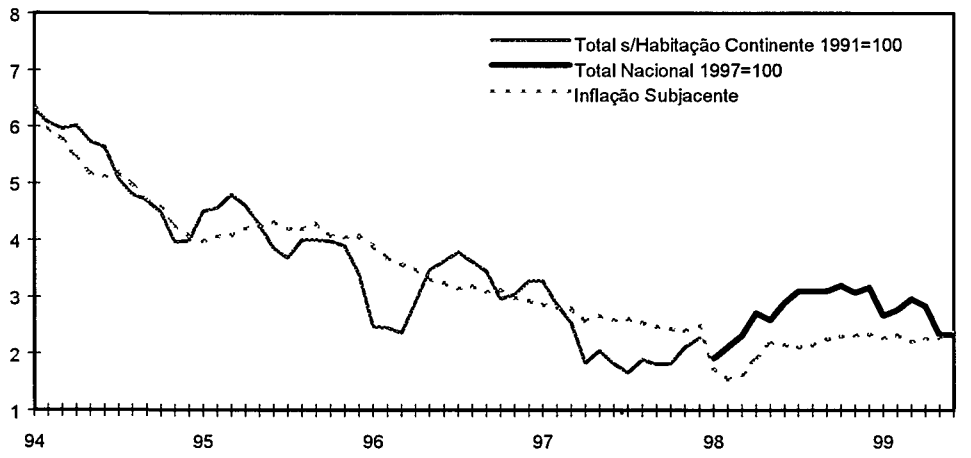
Na análise das novas inscrições no território do Continente, ao longo do primeiro semestre, verificam-se, em termos de valores corrigidos da sazonalidade, ligeiras descidas das inscrições originadas quer por despedimentos, quer por fim de contratos temporários quer ainda das pessoas que se despediram.

Pelo seu lado, os salários contratados apresentaram uma evolução anualizada de 3,6 por cento ao longo do segundo trimestre, o que constitui o andamento trimestral mais forte desde indicador desde o terceiro trimestre de 1997. Para esta aceleração contribuíram essencialmente os contratos e acordos celebrados nos sectores da construção civil, 4,1 por cento de aumento para 206 mil trabalhadores em Abril, e da indústria transformadora, 4 por cento de aumento para 89 mil trabalhadores em Junho.

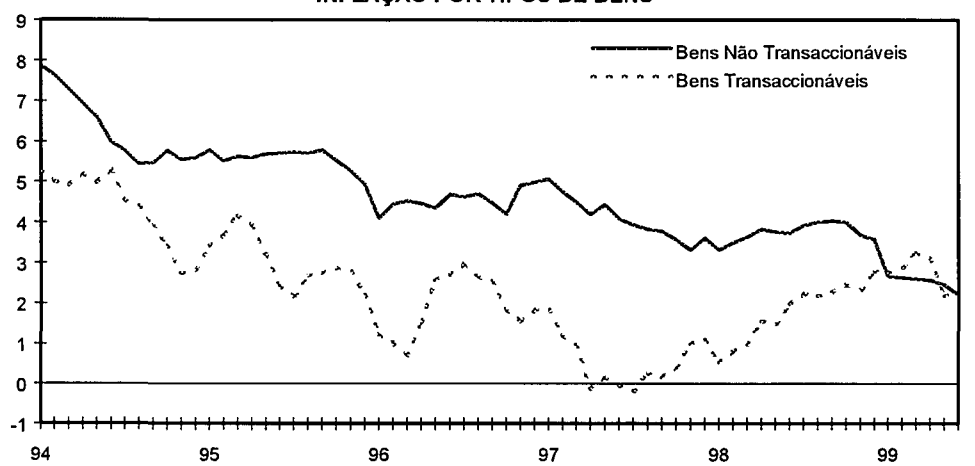
Tendo em conta que os preços no consumidor registaram uma variação homóloga média de 2,5 por cento durante o segundo trimestre, a melhoria do poder de compra salarial foi neste período a mais positiva desde o final do primeiro trimestre de 1998.

	Trimestres					Meses		
	II.98	III.98	IV.98	I.99	II.99	Abr.99	Mai.99	Jun.99
PREÇOS NO CONSUMIDOR (valores mensais)								
Índice Nacional	2.7	3.1	3.1	2.8	2.5	2.8	2.3	2.3
Índice Harmonizado	2.3	2.4	2.7	2.7	2.3	2.7	2.1	2.1
Indicador de Inflação Subjacente	2.1	2.2	2.3	2.3	2.3	2.3	2.3	2.4
Índice Transaccionáveis	1.7	2.2	2.5	3.0	2.5	3.1	2.2	2.3
Não Alimentares	1.1	1.5	1.9	2.5	2.1	2.3	2.0	1.9
Índice Não Transaccionáveis	3.8	4.0	3.8	2.6	2.4	2.6	2.5	2.2
Índice Bens	1.8	2.3	2.4	2.3	1.9	2.4	1.6	1.7
Índice Serviços	4.8	4.9	4.7	3.9	3.8	3.8	3.8	3.8
PREÇOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA								
Preços de Produção (índice)	-2.7	-5.6	-7.8	-6.4	-	-4.3	-	-
Preços de Produção (índice excl. Alim.e Energ.)	2.0	1.1	0.2	-0.3	-	-0.5	-	-
Expectativas de Preços (opiniões)	5	4	-1	-1	7	2	5	7
EVOLUÇÃO CAMBIAL								
Taxa de Câmbio Efectiva (índice mensal)	-2.2	0.3	0.9	-	-	-	-	-
Câmbio ECU/Esc. (valor mensal)	-2.9	-1.3	-0.1	0.9	-	1.3	0.6	-
Câmbio Dólar/Esc. (valor mensal)	-6.1	1.4	5.1	4.2	-	-0.7	-3.7	-5.1

TAXA DE INFLAÇÃO MENSAL



INFLAÇÃO POR TIPOS DE BENS



PREÇOS E CÂMBIOS

A inflação estabilizou entre Maio e Junho, mantendo um nível próximo da sua tendência de fundo. Esta tendência de estabilidade foi verificada nos diferentes tipos de bens.

A percentagem de variação homóloga do índice de preços no consumidor estabilizou em 2,3 por cento, entre Maio e Junho. A mesma medida do índice de preços harmonizado estabilizou em 2,1 por cento, continuando ligeiramente inferior à variação do índice nacional. A evolução destes dois indicadores tem-se mantido muito próxima desde o início do ano, com um diferencial médio de 0,1 pontos percentuais em termos de variação homóloga. Este diferencial é justificado pela não inclusão no índice harmonizado de uma parcela significativa dos preços da Saúde e da Educação.

Também o diferencial de inflação com a UE permaneceu estável, uma vez que, na UE, tanto a variação homóloga dos índices nacionais como a dos harmonizados terão estabilizado em 1,1 por cento.

Por sua vez, a percentagem de variação homóloga média do índice nacional durante os últimos 12 meses foi de 2,9 por cento em Junho. Este valor deverá, até ao final do ano, convergir com a tendência de fundo da inflação. De facto, se a evolução mensal dos preços durante o segundo semestre for semelhante à verificada no período homólogo, a variação média anual situar-se-á em Dezembro em 2,4 por cento.

Este cenário é bastante plausível, dado que a tendência de fundo da inflação tem permanecido estável desde há largos meses e não serem esperadas evoluções por parte dos preços dos bens alimentares mais intensas do que as verificadas no segundo semestre de 1998. Pelo contrário, a evolução global dos preços destes bens poderá vir a ser durante a segunda metade do ano mais moderada do que a do período homólogo, que foi caracterizado por subidas anormalmente elevadas destes preços.

Considerando os produtos agrupados em bens e serviços, verifica-se que, entre Maio e Junho, a percentagem de variação homóloga dos primeiros subiu ligeiramente, de 1,6 por cento para 1,7 por cento, enquanto a dos segundos estabilizava em 3,8 por cento.

A ligeira subida da inflação dos bens resulta essencialmente de idêntico comportamento dos preços dos bens alimentares e dos produtos do vestuário e calçado. A inflação dos serviços seria um pouco mais baixa, de 3,5 por cento, caso fossem excluídos os produtos da Saúde e da Educação. Este indicador é mais comparável com o seu congénere da UE resultante do índice de preços harmonizado. A evolução homóloga deste indicador situa-se actualmente em torno de 1,7 por cento na UE. O diferencial da inflação nos serviços justifica uma parcela muito significativa do diferencial total entre a inflação portuguesa e a da conjunto da UE, podendo ser atribuído ao maior dinamismo da procura interna e ao nível inferior da taxa de desemprego em Portugal.

Por sua vez, os preços de venda à saída da fábrica na indústria transformadora registaram uma descida homóloga de 4,3 por cento durante o trimestre terminado em Abril. Esta evolução foi menos negativa do que a de períodos anteriores, devido a uma importante subida dos preços dos derivados de petróleo desde o início do ano. Como os preços de petróleo subiram intensamente até meados de Julho, é provável que o mesmo tenha acontecido com os preços dos seus derivados. Assim, estes preços estarão já a ser não só superiores aos de meses anteriores mas também aos do período homólogo. Por sua vez, a variação homóloga do índice de preços que exclui os derivados de petróleo e os produtos alimentares situou-se em –0,5 por cento durante o trimestre terminado em Abril. Dada a evolução dos preços de petróleo e a subida do dólar, é provável que os preços à saída da fábrica venham a evoluir um pouco mais intensamente durante os próximos meses, sendo neste sentido que apontam as expectativas dos industriais.

NOTAS

Com excepção de situações devidamente identificadas, os valores que constam nos quadros e gráficos e que servem de referência para a análise são, no caso das séries quantitativas, variações homólogas em média móvel de 3 meses ou, no caso das séries qualitativas, médias móveis de 3 meses de valores corrigidos da sazonalidade (v.c.s.).

Página 2. Enquadramento Externo.

PIB dos países clientes. Agregação da variação homóloga do PIB (1995=100), a preços constantes, dos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, Espanha, Itália, Holanda, Suécia, Dinamarca e Suiça; ponderadores: estrutura das exportações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Produção Industrial - Países Clientes. Agregação dos índices de produção industrial (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica e excluindo Suiça e Dinamarca), utilizando idênticos ponderadores. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços de Produção - Países Fornecedores. Agregação dos índices de preços de produção (1995=100) dos mesmos países da agregação do PIB (mais a Bélgica); ponderadores: estrutura das importações portuguesas. Fonte: OCDE e INE.

Índice de Preços no Consumidor - UE. Harmonizado. Fonte: EUROSTAT.

Taxa de Desemprego - UE. Fonte: OCDE.

Carteira de Encomendas - Indústria da UE. Inquérito à Indústria Transformadora. (Nota: a partir de 1991, a série sofreu alterações devido à inclusão dos novos Länders da Alemanha) Fonte: CE.

Indicador de Confiança dos Consumidores - UE. Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE.

Índice de Preços de Matérias Primas ("The Economist"). 1990=100, em dólares.

Página 4. Actividade Económica.

Indicador de Clima Económico. Variável estimada com base em séries dos inquéritos de opinião à indústria transformadora, ao comércio, à construção e à indústria transformadora da UE. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicador de Actividade Económica. Variável estimada com séries quantitativas. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Indicadores de Clima na Indústria, no Comércio e na Construção. Variáveis estimadas com base em séries qualitativas dos respectivos inquéritos de opinião. Ver documento de trabalho do GE-INE.

Índices (1995=100) de Produção da Indústria Transformadora, de Volume de Negócios do Comércio a Retalho e da Indústria Transformadora, Procura Interna de Bens Intermédios. Fonte: INE.

Taxa de Ocupação Hoteleira - Quarto. Fonte: Direcção Geral de Turismo, Ministério da Economia (M.E.).

Consumo de Energia Eléctrica. Evolução corrigida da temperatura e do número de dias úteis. Fonte: EDP.

Consumo Industrial de Energia Eléctrica. Fonte: EDP.

Consumo de Fuel - Indústria Transformadora. Fonte: Petrogal.

Página 6. Consumo Final.

Consumo Público. Fonte: Direcção Geral do Orçamento, Ministério das Finanças (M.F.).

Indicador de Confiança dos Consumidores - Inquérito aos Consumidores. Fonte: CE até Julho de 1996; entre Agosto de 1996 e Agosto de 1997, estimação do GE - INE; a partir de Setembro de 1997, inquérito do INE.

Situação Financeira das Famílias - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Crédito a Particulares para Outros Fins (excluindo habitação) em Euros. Valores de fim do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Operações Multibanco. Montantes de levantamentos de nacionais, de pagamentos de serviços e compras TPA. Fonte: SIBS.

Procura Interna de Bens de Consumo Industriais, Vendas no Comércio a Retalho (opiniões e Índices), Índice de Volume de Negócios da Indústria de Mobiliário, Dormidas na Hotelaria. Fonte: INE.

Vendas de Super e Hipermercados. Fonte: APED.

Vendas de Gasolina: Fonte: Petrogal.

Vendas e Matrículas (Emissão de Livretes) de Automóveis e de Veículos de Todo-o-Terreno. Fonte: ACAP.

Página 8. Investimento.

Indicador Coincidente. Agregação ponderada de indicadores de investimento na construção, máquinas e veículos comerciais. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Crédito ao Investimento Empresarial. Crédito a empresas não financeiras em Euros. Valor no final do mês. Fonte: Banco de Portugal.

Vendas de cimento. Fonte: CIMPOR e SECIL.

Vendas de Varão para Betão. Fonte: Siderurgia Nacional e INE(importações).

Índice de Produção de Barro para Construção (1995=100), Carteira de Encomendas na Construção, Licenças para Construção, Vendas de Máquinas no Comércio por Grosso. Fonte: INE:

Crédito para Compra de Habitação. Fluxos trimestrais. Fonte: Direcção Geral do Tesouro, M.F..

Adjudicações de Obras Públicas. Fonte: AECOPS.

Vendas e Matrículas de Veículos Comerciais. Fonte: ACAP.

Página 10. Procura Externa.

Indicador de Procura Externa. Agregação ponderada do valor (em Euros, 1995=100) das mercadorias importadas pelos principais países clientes de Portugal (os mesmos utilizados para o PIB dos países clientes, mais a Bélgica e menos a Holanda). Fonte: OCDE.

Exportações de Mercadorias (Nota: a partir de Janeiro de 1998, procedeu-se ao ajustamento de parte do valor estatístico relativo ao comércio com a União Europeia), Importações de Mercadorias, Carteira de Encomendas, Volume Exportado - Previsto - e Taxa de Cobertura. Fonte: DGREI, M.E., e INE.

Página 12. Emprego e Salários.

Emprego - Inquérito Antigo às Famílias até 4º trimestre de1997; Inquérito Novo às Famílias a partir do 3º trimestre de 1998, Desemprego - Inquérito Novo às Famílias, Expectativas de Emprego. Fonte: INE.

Desemprego - Mercado de Emprego. Fonte: IEFP.

Expectativas de Desemprego - Inquérito aos Consumidores. Fonte: INE.

Salários. Variação Média Ponderada Intertabelas, anualizada. Fonte: Gabinete de Estudos de Rendimento do Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Página 14. Preços e Câmbios.

Índices de Preços no Consumidor Total sem Habitação (1991=100) - Continente até Dezembro de 1997; Índices de Preços no Consumidor Total (1997=100) - Nacional a partir de Janeiro de 1998. Produção na Indústria (1995=100) e Expectativas sobre Preços na Indústria. Fonte: INE.

Inflação Subjacente. Estimada com base em índices de preços no consumidor (1997=100) de 67 subgrupos de produtos. Ver documento de trabalho do GE-AE.

Índices de Preços de Exportação e de Importação(1T96=100). Comércio de Mercadorias. Fonte: DGREI, ME.

Informação sobre Câmbios. Fonte: Banco de Portugal.

LISTA DE PUBLICAÇÕES

Algumas Publicações Editadas pelo INE

METODOLOGIAS, NOMENCLATURAS E CONCEITOS	AVULSO	ASSIN.	*
Índice de Custo do Trabalho - Metodologia e 1º Resultados (1995 a 1º Trim. 1999)	600$00		
Nomenclaturas Territoriais Designações e Códigos 1998	3.600$00		
Índices de Produção Industrial - Metodologia e Séries Retrospectivas (1995-1998)	1.680$00		
ESTATÍSTICAS GERAIS			
Anuário Estatístico de Portugal 1997	10.200$00	8.160$00	6
Boletim Mensal de Estatística 1999 (x 12)	2.400$00	23.000$00	1
Portugal em Números 1997	Gratuito		
POPULAÇÃO AMBIENTE CONDIÇÕES SOCIAIS			
Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1997	3.800$00	3.000$00	5
Série Estimativas Provisórias Nº 27	3.680$00		
Portugal Social 1991/1995	6.000$00		
Estatísticas da Protecção Social 1997	2.160$00	1.730$00	5
Estatísticas da Saúde 1997	8.400$00	6.720$00	6
Estatísticas Demográficas 1997	6.730$00	5.380$00	6
Estatísticas do Ambiente 1997	3.000$00	2.400$00	5
Estatísticas do Emprego 1999 (Trimestral)	1.300$00	4.200$00	3
Associações Culturais e Recreativas 1995	1.500$00		
AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA			
Estatísticas da Pesca 1998	3.000$00	2.400$00	5
Inquérito às Plantações de Árvores de Fruto 1998	1.500$00		
Estatísticas Agrícolas 1998	4.200$00	3.400$00	5
Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas 1997	4.200$00		
Pescas em Portugal 1986 - 1996	6.300$00		
Contas Económicas da Agricultura 1998	1.500$00		
Estado das Culturas e Previsão das Colheitas 1999	240$00	2.300$00	2
INDÚSTRIA, CONSTRUÇÃO E ENERGIA			
Estatísticas da Construção de Edifícios 1997	2.120$00	1.700$00	5
Estatísticas da Produção Industrial 1997	4.300$00	3.400$00	5
Estatísticas das Empresas - Agricultura e Indústria 1996	2.700$00	2.160$00	5
Índices de Produção Industrial 1999	230$00	2.200$00	2
Estatísticas das Empresas -Construção 1996	1.180$00	940$00	5
Inquérito Mensal à Construção e Obras Públicas 1999	650$00	6.200$00	2
Índices de Preços na Produção Industrial 1999	430$00	4.100$00	2
Índices de Volume de Negócios, Emprego, Remunerações e Horas Trabalhadas na Indústria 1999	380$00	3.600$00	2
Inquérito Mensal à Indústria Transformadora 1999	720$00	6.900$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura Serviços Prestados às Empresas 1999	300$00	2.900$00	2
COMÉRCIO INTERNACIONAL			
Comércio Internacional 1999	880$00	8.500$00	2
Estatísticas do Comércio Internacional 1997	8.400$00	6.720$00	6
Comércio ExtraComunitário 1999	700$00	6.700$00	2
COMÉRCIO INTERNO, TURISMO E OUTROS SERVIÇOS			
Estatísticas do Turismo 1997	4.440$00	3.550$00	6
Estatísticas dos Transportes e Comunicações 1997	6.300$00	5.040$00	6
Estatísticas das Empresas - Comércio e Outros Serviços 1996	9.000$00	7.200$00	6
Estatísticas do Transportes Rodoviários de Passageiros e de Mercadorias 1996/1997	2.600$00		
Gastos dos Estrangeiros não Residentes Residentes em Portugal 1997	1.220$00		
Estabelecimentos Comerciais 1997	1.130$00	900$00	4
Índice do Volume de Negócios no Comércio a Retalho 1999	190$00	1.800$00	2
Inquérito Mensal de Conjuntura ao Comércio 1999	1.300$00	12.500$00	2
ECONOMIA E FINANÇAS			
Estatísticas das Receitas Fiscais 1996	3.070$00	2.460$00	6
Empresas em Portugal 1990 - 1995	2.190$00		
Estatísticas das Administrações Públicas 1997	2.300$00	1.800$00	5
Estatísticas Monetárias e Financeiras 1997	5.500$00		
Sistema de Contas Integradas das Empresas 1994 - 1995	3.750$00		
Índice de Preços no Consumidor 1999	1.400$00	13.400$00	2
Contas Nacionais 1995	2.070$00		
Síntese Económica Mensal 1999	480$00	4.600$00	2
ESTATÍSTICAS REGIONAIS			
Contas Regionais 1990-1994	3.000$00		
Retrato das Regiões 1998	5.000$00		
Anuário Estatístico da Região Lisboa e Vale do Tejo 1997	5.820$00		
Inquérito ao Emprego Região de Lisboa e Vale do Tejo (NUTS III) 1998 (Semestral)	600$00		
Índice de Preços no Consumidor - Região de Lisboa e Vale do Tejo 1999 (Mensal)	600$00	5.800$00	2
Anuário Estatístico da Região Algarve 1998	4.000$00		
Inventário Municipal da Região Algarve 1998	4.600$00		
Anuário Estatístico da Região Alentejo 1997	4.650$00		
Os Municípios do Algarve 1998	5.000$00		
Anuário Estatístico da Região Centro 1997	6.000$00		
Anuário Estatístico da Região Norte 1997	4.140$00		
ESTUDOS			
Revista de Estatística 1999 (quadrimestral)	2.500$00	6.000$00	7

* PORTES DE CORREIO

	PORTUGAL		EUROPA		RESTO DO MUNDO	
	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso	Assin.	Avulso
1	1.920$00	160$00	5.040$00	420$00	9.300$00	775$00
2	1.020$00	85$00	2.520$00	210$00	4.080$00	340$00
3	340$00	85$00	840$00	210$00	1.360$50	340$00
4	170$00	85$00	420$00	210$00	680$00	340$00
5	285$00	285$00	765$00	765$00	1.480$00	1.480$00
6	560$00	560$00	1.325$00	1.325$00	2.600$00	2.600$00
7	900$00	300$00	2.295$00	765$00	4.440$00	1.480$00

CJ07990 6